



Prof-Artes

MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ-UFPA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA-UFU

Ana Kílzia Brito Pinheiro

**“DUAS ALMAS MORANDO NO MESMO CORPO”. A NATUREZA
ARTÍSTICA DE ELIENAI MORAES NO ENSINO DE ARTES VISUAIS
COM CRIANÇAS EM TRACUATEUA-PÁ.**

Belém, PA

2024



Prof-Artes

MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ-UFPA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA-UFU

Ana Kílzia Brito Pinheiro

**“DUAS ALMAS MORANDO NO MESMO CORPO”. A NATUREZA
ARTÍSTICA DE ELIENAI MORAES NO ENSINO DE ARTES VISUAIS
COM CRIANÇAS EM TRACUATEUA-PÁ.**

Artigo de criação de produto didático como requisito para obtenção do título de Mestra em Artes, no Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Artes, da Universidade Federal do Pará (UFPA) e Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Rede ProfArtes, reconhecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior (CAPES) do Ministério da Educação.
Orientadora: Prof^a Dra. Daniely Meireles do Rosário

Belém, PA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B862d Brito Pinheiro, Ana Kilzia.
"Duas almas morando no mesmo corpo." A natureza artística de
Elieni Moraes no ensino de artes visuais com crianças em
Tracuateua-PA / Ana Kilzia Brito Pinheiro. — 2024.
35 f. : il. color.

Orientador(a): Prof.ª Dra. Daniely Meireles do Rosário
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Ciências da Arte, Programa de Pós-Graduação em
Artes, Belém, 2024.

1. Pintura de paisagem. 2. Elieni Moraes. 3. Séries
iniciais. I. Título.

CDD 750

ATA DE DEFESA PUBLICA DE DISSERTAÇÃO



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PPGARTES – PROFARTES**

Aos 31 dias do mês de maio do ano de dois mil e vinte e quatro, às quatorze horas, em sala da Faculdade de Música, a Banca Examinadora instituída pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará, reuniu-se em Sessão Pública, sob a presidência da orientadora, Prof.^a Dr.^a **DANIELY MEIRELES DO ROSÁRIO**, para presenciar a defesa do Trabalho de Conclusão de **ANA KÍLZIA BRITO PINHEIRO**, intitulado: "DUAS ALMAS MORANDO NO MESMO CORPO". A **NATUREZA ARTÍSTICA DE ELIENAI MORAES NO ENSINO DE ARTES VISUAIS COM CRIANÇAS EM TRACUATEUA-PA**, perante a Banca Examinadora, constituída pelos docentes: Prof. Dr. **FRANCISCO EWERTON ALMEIDA DOS SANTOS** (Examinador Interno) e Prof.^a Dr.^a **IDANISE AZEVEDO HAMOY** (Examinadora Externa). Após a apresentação da mestranda, com duração de vinte e cinco minutos, seguiu-se às arguições dos membros da Banca Examinadora, seguida, posteriormente, de uma interrupção da sessão para as devidas deliberações e pareceres. Reiniciada a sessão, foi lido o parecer, resultando na aprovação da mestranda, com o conceito: **EXCELENTE**, com recomendação de publicação integral do produto didático (catálogo). Após a leitura da ata a apresentação foi encerrada às 16h, sendo assinada pela discente e componentes da banca.

PARTICIPANTES	ASSINATURAS
Prof. ^a Dra. Daniely Meireles do Rosário (Presidente - Orientadora)	 Documento assinado digitalmente DANIELY MEIRELES DO ROSÁRIO CPF: 010.510.000-00 verifique em: https://gov.br
Prof. Dr. Francisco Ewerton Almeida dos Santos (Examinador interno-EA/UFGA)	 Documento assinado digitalmente FRANCISCO EWERTON ALMEIDA DOS SANTOS Data: 07/05/2024 10:00:00 -0300 Verifique em: https://gov.br
Prof. ^a Dr. ^a Idanise Azevedo Hamoy (Examinadora interna-PPGARTES/UFGA)	 Documento assinado digitalmente IDANISE AZEVEDO HAMOY Data: 07/05/2024 10:00:00 -0300 verifique em: https://gov.br
Ana Kílzia Brito Pinheiro (Mestranda)	 Documento assinado digitalmente ANA KÍLZIA BRITO PINHEIRO Data: 07/05/2024 10:00:00 -0300 verifique em: https://gov.br

Belém/PA, 31 de maio de 2024.

SUMÁRIO

1 - AS LINHAS DE UM LUGAR: MARCAS INTRODUTÓRIAS	7
2 - A CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM POR ELIENAI MORAES.....	10
3 - ADENTRANDO OS PROCESSOS.....	17
4 - A PERCEPÇÃO DA CRIANÇA NA ARTE	22
5 - A CRIANÇA ENTRE PAISAGENS, PINTURAS E SACOLAS.....	26
6 - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	33
7 - REFERENCIAIS	35

“DUAS ALMAS MORANDO NO MESMO CORPO”. A NATUREZA ARTÍSTICA DE ELIENAI MORAES NO ENSINO DE ARTES VISUAIS COM CRIANÇAS EM TRACUATEUA-PÁ.

RESUMO

O movimento de ir e vir possibilita explorar outros territórios, interagir com diferentes modos de interpretar a vida cotidiana, permitindo pensar sobre o próprio lugar, sua cultura e seus modos de expressão artística. Porém, desenhar as linhas desse lugar exige desengavetar as memórias nas quais pessoas, ruas, casas, natureza se interligam numa espécie de circuitos sensíveis entre pensamentos, interação e ação. As paisagens, pinturas e desenhos que demarcam esta pesquisa compõem-se de conexões entre as pinturas do artista Elienai Moraes – morador do município de Tracuateua, interior do estado do Pará – e as possibilidades didáticas de desenvolvimento gráfico-visual de crianças em séries iniciais, por meio de processos de interpretação e leitura de paisagens pintadas pelo artista pesquisado, como exercício da prática artística. Desta forma, o objetivo principal da pesquisa foi investigar a produção artística de Elienai Moraes, no intuito de utilizar a produção deste artista como recurso didático para a alfabetização visual de crianças do 4º ano do Ensino Fundamental, ampliando a perspectiva do ensino das Artes Visuais com crianças, tendo como meta final a elaboração de um catálogo didático, reunindo as principais obras do artista, sua biografia e os procedimentos didáticos para o trabalho com as pinturas de paisagens nas aulas.

Palavras-Chave: Pintura de paisagem. Elienai Moraes. Séries iniciais.

ABSTRACT

The movement of coming and going makes it possible to explore other territories, interact with different ways of interpreting everyday life, allowing us to think about the place itself, its culture and its modes of artistic expression. However, drawing the lines of this place requires unpacking the memories in which people, streets, houses, nature are interconnected in a kind of sensitive circuits between thoughts, interaction and action. The landscapes, paintings and drawings that define this research are made up of connections between the paintings of the artist Elienai Moraes – resident of the municipality of Tracuateua, in the interior of the state of Pará – and the didactic possibilities of graphic-visual development of children in the initial grades, through processes of interpretation and reading of landscapes painted by the researched artist, as an exercise in artistic practice. Thus, the main objective of the research was to investigate the artistic production of Elienai Moraes, with the aim of using this artist's production as a teaching resource for visual literacy for children in the 4th year of Elementary School, expanding the perspective of teaching Visual Arts with children, with the ultimate goal of creating a didactic catalog, bringing together the artist's main works, his biography and didactic procedures for working with landscape paintings in classes.

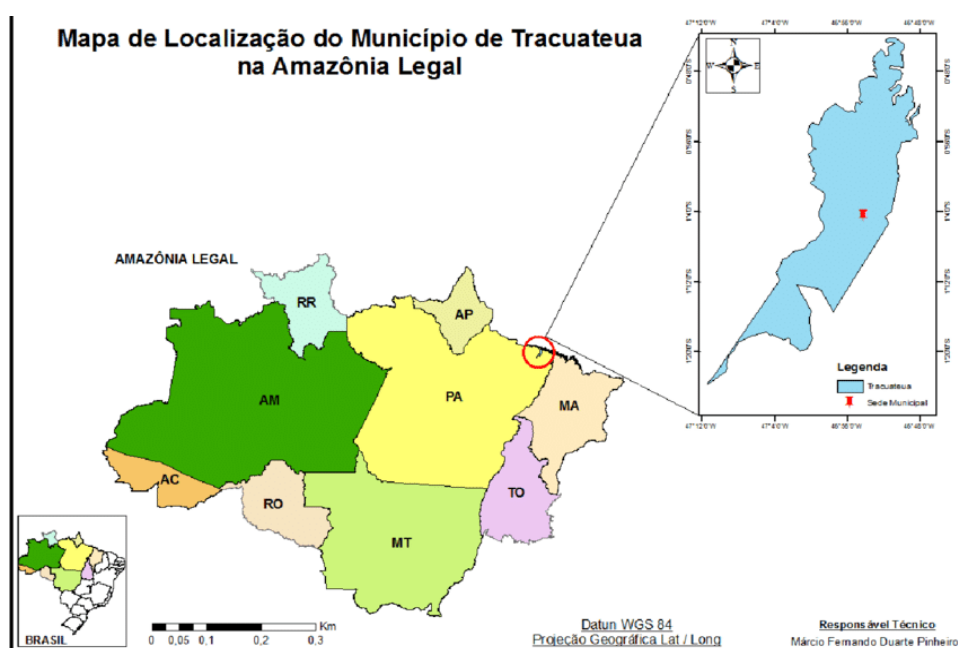
Keywords: Landscape painting. Elienai Moraes. Initial series.

1 - AS LINHAS DE UM LUGAR: MARCAS INTRODUTÓRIAS

O deslocamento de um lugar a outro aguça o olho para ver cada paisagem que se descortina diante da visão, o corpo atíça respondendo poeticamente, criando conexões entre arte e cultura. São sensações e percepções transformadas em linguagem plástica. Uma manhã reluzente pelo nascer do sol; um rio com suas águas escuras espelhando o céu e as copas das árvores altas e frondosas; ou, ainda, um vasto fundo verde composto por árvores frutíferas, tendo no primeiro plano uma, duas, três casas de tons azul, rosa e amarela podem materializar um deleite artístico, exprimindo assim, uma forma, uma representação de como traçamos as linhas e cores do lugar ou lugares por onde transita nosso ser vivente.

O movimento de ir e vir possibilita explorar outros territórios, interagir com diferentes modos de interpretar a vida cotidiana, permitindo pensar sobre o próprio lugar, sua cultura e seus modos de expressão artística. Porém, desenhar as linhas desse lugar exige desengavetar as memórias nas quais pessoas, ruas, casas, natureza se interligam numa espécie de circuitos sensíveis entre pensamentos, interação e ação. As paisagens que demarcam essa pesquisa compõem-se de olhares e recortes de um artista plástico, pintor que lança sobre as paisagens naturais sua própria natureza artística, ponto de conexão entre o que o artista vê, sente e pensa. Morador do município de Tracuateua, localizado no interior do estado do Pará, o artista traz em suas obras aspectos culturais de sua cidade e região.

Figura 01: Mapa da localização de Tracuateua – Nordeste paraense.



Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Mapa-de-localizacao-do-municipio-de-Tracuateua-PA-na-Amazonia-Legal_fig1_350780017/download. Acesso em 24 de julho de 2023.

Tracuateua, município espacialmente pequeno, com uma estimativa aproximada de 30.656 habitantes (IBGE, 2018), está distante de Belém a 250 km e seu surgimento relaciona-se à construção da extinta Estrada de Ferro Belém-Bragança, extinta em 1965¹. Um processo de povoamento e desenvolvimento econômico local, imposto para escoamento de mercadorias como fundamento para o crescimento do estado do Pará. Quem acompanhou tal processo, recorda das famílias que se instalaram em Tracuateua, na época, denominada pelo nome Bem do Rio que antes da construção da estrada de ferro era um espaço constituído por caminhos, ou seja, entre uma morada e outra, um estreito caminho, interligando assim as pessoas, os vizinhos, a mata e os rios.

De mata pujante, rica em igarapés e campos naturais, figura a forma como comumente descrevemos a paisagem de Tracuateua. Muitas vezes, servindo como cartão de visita à cidade, o cenário natural nos convida à contemplação, a representar o que a natureza significa para nossa sobrevivência, existência e identidade. Não à toa, nas representações gráficas das crianças sobre a cidade, encontramos elementos das paisagens naturais que as cercam. Nesse grafar, estão as ruas, as árvores, casas, céu, rios, sítios e pessoas numa interação constante. Composição imagética possibilitada pela experiência do ver, tocar e sentir com o próprio corpo, pois manifestamos aquilo que conhecemos interagindo com nossos pares e de como interpretamos os acontecimentos, a realidade e a expressamos de diversas formas. Assim, os artistas de Tracuateua e regiões próximas estão envoltos num imaginário simbólico de quem as produz diariamente e também de quem as contempla, ressaltando em suas produções os aspectos significativos do lugar.

A partir disso, movido pelo instigante fascínio que estabelecemos com nosso lugar e suas paisagens, este artigo discorre sobre a obra do artista Elienai Moraes – residente na zona rural do município de Tracuateua – e as possibilidades didáticas de desenvolvimento gráfico-visual de crianças do 4º ano do ensino fundamental, por meio de processos de interpretação e leitura de pinturas do artista, para exercício da prática artística, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Levina de Oliveira Reis, situada na sede do referido município.

Desta forma, o texto apresenta reflexões sobre algumas questões norteadoras: Quais as representações da paisagem, existentes nas obras de Elienai Moraes, que se relacionam com a construção da cidade? Que significados as crianças atribuem às paisagens de seu contexto? Quais características a obra de Elienai mantém com outros artistas – nacionais ou estrangeiros

¹ Informações colhidas no site do município <https://tracuateua.pa.gov.br/o-municipio/sobre-o-municipio/>, acessado em 05/09/2023.

– que se dedicaram à pintura de paisagem no Brasil?

Como objetivo geral da pesquisa, proponho-nos a investigar a produção artística de Elienai Moraes, no que diz respeito a técnicas e processos, de modo a usar a produção deste artista como recurso didático para a alfabetização visual de crianças do 4º ano do Ensino Fundamental, ampliando a perspectiva de trabalho para a leitura e prática da pintura no desenvolvimento gráfico da criança. De maneira mais específica, utilizamos as pinturas de Elienai Moraes como objeto de aprendizagem em artes visuais, tendo como meta final a elaboração de um catálogo didático, reunindo as principais obras do artista, sua biografia e os procedimentos didáticos para o trabalho com as pinturas de paisagens nas aulas.

Metodologicamente, a escolha pela pesquisa participante permite observar e coletar informações gráficas das crianças, como elas observam o mundo, como elas reconhecem as paisagens que as cercam, seus elementos: árvores, campo, casa, rua, poste, asfalto, sítios, fazendas e igarapés. E por situar-se numa relação educativa dentro da escola onde saberes e fazeres se interrelacionam mediados pela ação docente, a dimensão educativa das crianças e a aquisição de novas aprendizagens vão construindo mecanismos significativos para a compreensão da vida e de seus elementos, permitindo aos educandos maior liberdade em seus processos criativos. Outrossim, na dimensão educativa acontece o atravessamento, os cruzamentos dos múltiplos saberes e manifestações artísticos e culturais com os quais vamos ordenando a construção dos saberes que impactará sobremaneira em nossas atitudes diante da vida.

Para os referenciais teóricos desta pesquisa selecionamos alguns nomes para compor as discussões conceituais de educação, cultura, arte e processos artísticos, sobretudo porque defendem o ser humano como sujeito criativo, cultural, social, portanto em constante transformação. Na dimensão educativa, o educador brasileiro Luiz Rufino para embasar as reflexões no campo de uma educação decolonial, buscando mover, tirar do pedestal a concepção eurocêntrica do ensino das artes visuais para as crianças. Nos aspectos culturais, João Paes Loureiro acena para a dimensão cultural dessa pesquisa. Para significar arte, o professor e pesquisador paraense Afonso Medeiros, completando o quadro, a professora e pesquisadora Maria Carolina Duprat Ruggeri, para um entendimento sobre a criação de um artista paisagista.

Quanto à arquitetura desse artigo, na primeira seção discorreremos sobre a construção da paisagem por Elienai, trazendo um breve percurso da vida desse artista, que elucidam seus

processos de produção artística e as referências buscadas ao longo de sua formação como artista. Na segunda seção, elucidamos a respeito do processo de aplicabilidade de algumas obras/pinturas do artista nas séries iniciais. Finalmente, na terceira seção, pontuamos as conexões metodológicas entre a pintura de paisagem, a produção da criança e as leituras possíveis, analisando os elementos construtores das paisagens produzidas, a rua, as pessoas, o rio, o céu, a árvore e os animais.

2 - A CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM POR ELIENAI MORAES

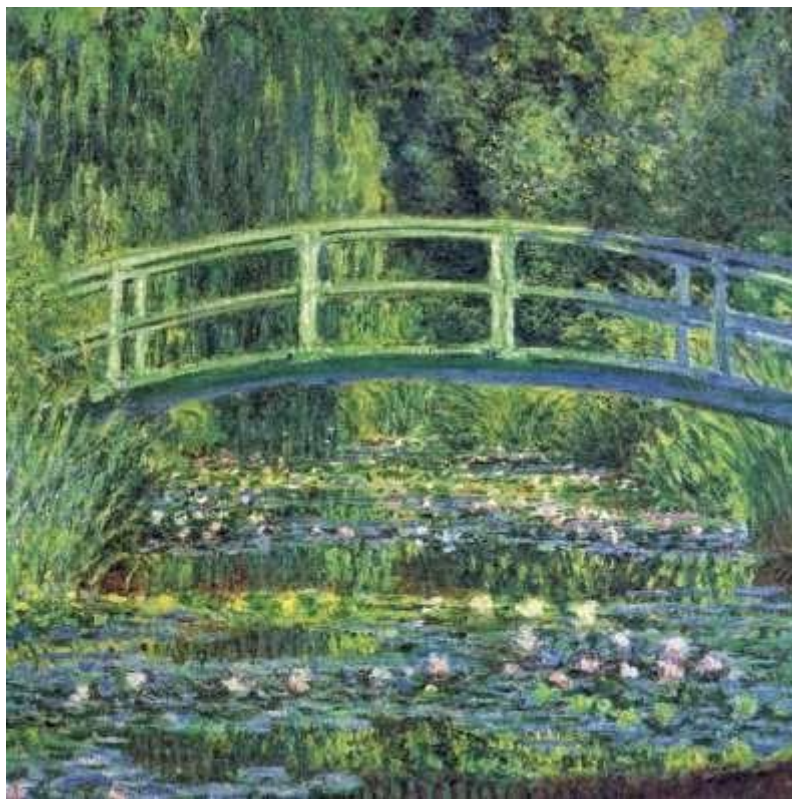
Elienai da Silva Moraes, artista tracuateuense, nasceu na cidade de Capanema, em 24 de maio de 1982. O pai, Elias Barboza Moraes nasceu em Barra do Mundaú, Ceará, e a mãe Maria da Silva Moraes é de Piancó, Paraíba. Seus pais se conheceram em Limoeiro do Norte e por causa da forte seca, decidiram vir com toda a família para o Pará, especificamente Santarém. Em busca por trabalho, no ano de 1971 seus pais mudaram-se para Capanema, nordeste paraense, onde o artista nasceu, ficando em Santarém apenas seus avós, dos quais teve conhecimento através das histórias que seus pais narravam. Em Capanema, morava em fazendas, no Km 15 da PA/Maranhão, onde seus pais trabalhavam. Porém, antes de completar 06 anos perdeu o pai.

Após a morte de seu pai, sua família foi morar em outra fazenda, onde “minha infância era conviver com os animais e estudar”, lembra Elienai (entrevista concedida em 21/10/2023), que aos 6 anos imprimia em seus desenhos o conforto, a liberdade e o prazer ao desenhar barcos e casas. Aos 9 anos de idade mudou-se com sua mãe e irmãos para Vila Fátima, comunidade rural de Tracuateua, município localizado a 37km de Capanema (aproximadamente) onde moram até os dias atuais; neste lugar sua família aprendeu a se manter pelo trabalho com a mandioca, com a colheita do feijão e da pimenta do reino. Na adolescência, no ano de 1997, o artista foi embora para Ananindeua sonhando em seguir a carreira militar, porém, em dezembro desse mesmo ano foi vítima de atropelamento por um motorista embriagado. Foi um acidente grave, que provocou fratura externa da perna, do fêmur e perda óssea, reduzindo 90% da pele e 1/3 da musculatura da perna, razões para as sequelas e deficiência física com as quais convive.

Elienai se considera um artista autodidata, construído por sonhos e referenciais artísticos que aprendeu a buscar. A obra “Ponte sobre uma lagoa de Lírios d’Água” (1899), do pintor francês Claude Monet (1840-1926), foi um grande estímulo para o início da pintura em sua vida, pintando paisagens rurais que encontrava em revistas utilizando tinta guache, tinta para tecido e posteriormente começou a fazer uso de tinta acrílica até experimentar em 2004, tinta

à óleo pela primeira vez.

Figura 02: “Ponte sobre uma lagoa de Lirios d’Água.” óleo s/tela (92,7 x 73,7 cm)



Fonte: <https://abra.com.br/artigos/monet/> . Acesso em 11/03/2024

O encontro com a obra (Figura 2) celebrou, de certo modo, o “renascimento” de Elienai pós-atropelamento. Internado no hospital e desengano pelos médicos, passou quatro meses de seu tratamento deitado, sem poder sentar. Ao invés de desencantar da vida, encontrou refúgio e a “cura”, pintando. Fato que me fez lembrar de uma outra artista, a mexicana Frida Kahlo (1907-1954), que aos 18 anos sofreu um grave acidente numa colisão entre um bonde e um ônibus, em setembro de 1925, mudando radicalmente sua vida e diluindo seu sonho de cursar medicina. Assim, como Elienai Moraes, Frida Kahlo passou por longo período em convalescência no hospital conduzindo Frida, segundo as historiadoras Aras e Chaves (2001, p.72) a pintar compulsivamente, afastando-se do seu primeiro desejo que era ser médica e aproximando-se da produção artística na qual imprimiria todas as angústias de sua vida. Com Elienai parece não ter sido tão diferente, também precisou abandonar o sonho de seguir a carreira militar e na arte, sobretudo nas pinturas de paisagens encontrava prazer e tranquilidade.

Frida Kahlo emergiu como artista para enfrentar a dor, a solidão. Elienai Moraes também lutava em uma cama, imobilizado. Porém, enquanto Frida retratava sua própria vida em suas pinturas, Elienai passou a se identificar em pintar paisagens, vendo na obra de Monet

– principal referência – semelhanças com a própria história de vida, o que o direcionou para pintar suas paisagens desde então, fazendo-nos lembrar da explicação de Ruggeri, de que “é no corpo a corpo com o mundo e no corpo a corpo com a matéria plástica da pintura, no ponto de contato, nas sensações e, acima de tudo, nas percepções dos fenômenos, que se dá o movimento de criação de um artista paisagista” (RUGGERI, 2019, p. 75). Elienai construiu-se como artista paisagista, sobretudo, dialogando com tudo o que experimentara em sua trajetória. Jovem sonhador viu-se abandonando as expectativas de estudar na capital paraense e mover-se para a arte da pintura.

A partir daí também veio seu interesse pela pintura de marinas e embarcações, paixões de seu avô. Dessa forma, as pinturas de paisagem criadas por Elienai Moraes têm um pouco de tudo que o atravessa: sua infância, seus referenciais artísticos, suas lembranças dos lugares que passou, bem como as culturas incorporadas pelo encontro com outros costumes, narradas por seus pais, até mesmo o trágico acidente que mudou radicalmente sua vida.

A cada viagem que fazia para seu tratamento de saúde na cidade de Belém, capital paraense, era tomado pela necessidade de *alimentar sua alma*; uma vez que a deficiência física parecia irreversível, começou a explorar com mais intensidade a forma como seu corpo se reconstruía enquanto artista e passou a representar as paisagens entre Belém e Tracuateua capturando tudo aquilo que poderia compor suas telas. Incluía-se nessa exploração, novas experimentações de materiais como a fotografia, cartão postal, revistas e tintas. Elienai Pintava com tinta acrílica, porém buscava novas técnicas de pintura e nunca havia experimentado pintar à óleo.

Em 2004, pintou o quadro “Ver-o-Peso” (Figura 3) – imagem que retirou de um cartão telefônico² – sendo sua primeira experiência com tinta óleo sobre tela, testando técnicas de cor, luz e sombra. Na composição, o artista representou a maior feira livre da América Latina, inaugurada em 1625, e embora a pintura represente um dia nublado, a luz no telhado define a cor azul do mercado ao fundo. No primeiro plano, a luz chega na proa das embarcações, ressaltando o vermelho da base dos barcos ancorados, repousando no cais, aguardando a hora ou o dia de saírem para mais um dia de trabalho nas águas da Amazônia.

² Os primeiros cartões telefônicos no país foram emitidos em 1992, por ocasião da Eco-92, substituindo as fichas telefônicas. A tecnologia foi desenvolvida no Brasil, com os primeiros testes sendo realizados pelo Centro de Pesquisa e Desenvolvimento da Telebrás. O cartão telefônico brasileiro é do tipo indutivo. Os cartões telefônicos tinham como função realizar o pagamento de uma ligação em telefone público, também chamado de orelhão.

Fonte: <https://acervo.oifuturo.org.br/acervo-museologico/cartao-telefonico-625/>. Acessado em 11.03.2024

Figura 03: Elienai Moraes. Ver-o-Peso, 2004. Óleo s/ tela 40x50cm.



Foto: Arquivo pessoal do artista

Mesmo tendo um cartão telefônico como referência visual para a pintura desta tela (Figura 02), não escapou à imaginação do artista alguns urubus sobrevoando o mercado e, na parte inferior da tela, outros ávidos por restos mortais de peixes e outros seres em decomposição, numa feira-livre que diariamente acorda antes do sol nascer e não tem hora para dormir.

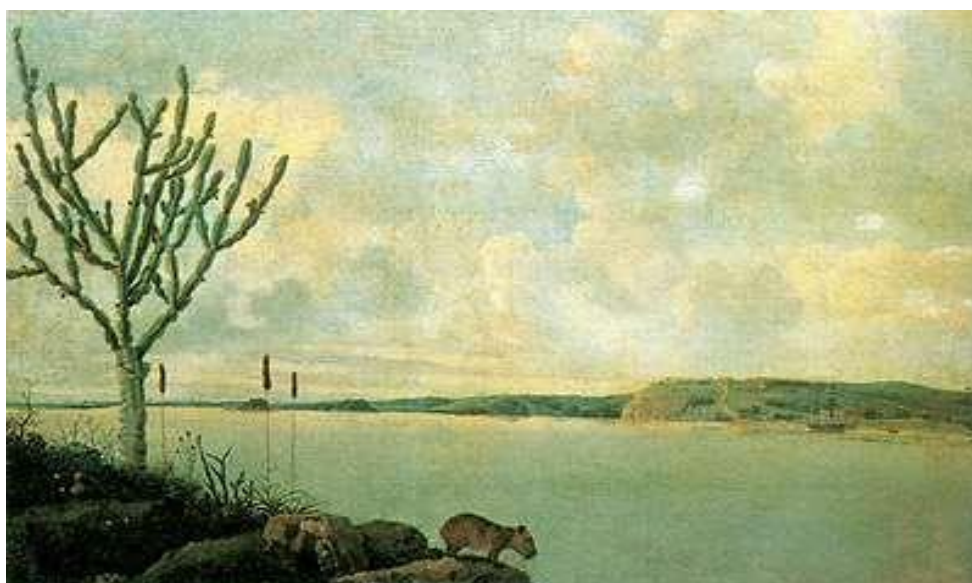
“Duas almas dentro de mim, duas almas morando no mesmo corpo”. Em entrevista com o artista, em 21 de outubro de 2023, Elienai Moraes expõe sua relação com a arte e seu fazer artístico. Quando observa uma paisagem e devaneia diante dela, escuta a própria voz narrando a forma que sua pintura será moldada na tela. Na entrevista, o artista afirma: “A paisagem, além da estética, me transmite tranquilidade, uma sensação acolhedora. Vejo ela como uma poesia!”. Elienai fala da forma como seu olhar, seu corpo se manifesta diante de um espaço preenchido por árvores, céu, rio, mata, moradas e de como todos esses elementos imbricados ou não podem ser compilados em uma imagem artística.

Quando Elienai manifesta a ideia que em seu corpo moram duas almas, na verdade elucida as sensações pela quais é tomado diante de uma paisagem, seu gosto, suas percepções e beleza estética. Segundo Rugerri (2019, p.77) *a natureza do artista é atravessada, afetada e interrogada pela natureza em si, para ser transformada em pintura*. O artista fala desse atravessamento sobre sua construção como pintor paisagista e de como a natureza é uma poesia para suas pinturas. Um eu interno dialogando, adentrando no mundo externo, a natureza artística e a natureza, identificação e troca entre o artista, a matéria e a pintura.

A partir disso, é possível que se faça um paralelo com a pintura de paisagem constituída no Brasil primeiramente por artistas estrangeiros e, posteriormente, por egressos da Academia Imperial de Belas Artes (1826) e sua sucessora, a Escola Nacional de Belas Artes (1890), na tentativa de entender as aproximações e/ou distanciamentos nas escolhas feitas por Elienai. A historiadora brasileira, Sandra Pesavento (2004, p. 3), em seu texto “A invenção do Brasil – o nascimento da paisagem brasileira sob o olhar do outro”, conta que no século XVII o conde holandês, experiente militar, Maurício de Nassau chegou em terras brasileiras com sua comitiva, composta por geógrafos, engenheiros, arquitetos e pintores, organizando uma espécie de “Europa” no meio tropical de “Nova Holanda”, região do nordeste do Brasil. Desse modo, o território brasileiro, “foi objeto do olhar de um *outro*, o holandês invasor e dominante, mas também sensível à nova terra, que dela compôs uma tradução imaginária, compondo uma paisagem” (PENSAVENTO, 2004, p. 3).

Todavia, nesse olhar carregado por padrões europeus, Maurício de Nassau desejava mostrar para a Europa, sua marca como governante, a partir da representação da paisagem, com um imaginário holandês fazendo uso de técnica, estilo e preocupação estética nos moldes clássico da pintura europeia. Assim, a vinda dos pintores holandeses Frans Post e Albert Eckhout foi direcionada para a produção das imagens que marcam o início da pintura de paisagem no Brasil, sendo, portanto, um reflexo do modo como os colonizadores queriam que essa imagem fosse constituída pelo olhar estrangeiro. Considerado pintor naturalista, Post unia em sua pintura de observação direta do meio, informações de um *mundo exótico*, recriado não só pela imaginação, mas também pelos direcionamentos da Coroa.

Figura 04: “Rio São Francisco e o Forte Maurits”, 1638. Frans Post. Óleo sobre tela, 60cm x 88cm



Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/instituicao201204/musee-du-louvre>. Acesso em 09/04/2024

Na obra de Frans Post, *Rio São Francisco e o Forte Maurits* (Figura 04) temos uma pintura de paisagem com técnicas holandesas: o quadro dividido horizontalmente, na parte superior o céu, menos azul ocupa grande parte da tela onde a iluminação difusa, clareia toda a imagem construída ao fundo. As cores douradas remetem ao sol. Na parte inferior do quadro, um largo rio, tendo no primeiro plano a margem do rio mais escuro e um cacto dando verticalidade à composição, do lado esquerdo da tela. Ainda trazendo elementos do que vislumbrou no Brasil, Frans Post pinta uma capivara. Uma mistura de elementos memorizados em sua estadia no Brasil e das técnicas clássicas de pintar paisagem: o céu, o rio, a luz em seu atelier.

Após a saída dos holandeses do Brasil e com a transferência da família real em definitivo para o Brasil, o contexto local passou por mudanças importantes. A abertura dos portos marcou a expansão comercial com outros países europeus e mais estrangeiros de diversas nacionalidades, artistas ou não, contribuíram para construir várias versões representativas da natureza brasileira. Eram imagens topográficas e científicas do Brasil (PICCOLI, 2014), resultantes dos itinerários percorridos pelo interior do país, geralmente produzidas por observação, rascunhos, desenhos e uso da câmera escura. Pinturas que registravam a fauna, flora, minérios, rios, a geografia e também modos e costumes dos povos indígenas. Porém, um fato importante a ser ressaltado é que os álbuns e enciclopédias, verdadeiras coletâneas do acervo artístico, histórico e narrativo das coletas e observações sobre o Brasil estão em museus na Europa.

O século XIX foi palco da construção da história da arte no Brasil, com a implantação da Academia de Belas Artes, embora, didaticamente seguindo um modelo acadêmico francês priorizando o desenho, o modelo vivo, a cópia na busca de uma idealização de beleza, a pintura de paisagem, com o uso da fotografia receberá novas formas de representação da natureza trazendo essa caracterização em sua composição, transmitir uma mensagem histórica e exemplar (DIAS, 2014, p. 170).

Vale ressaltar que durante esse século, as pinturas de paisagens e retratistas tinham caráter histórico relevantes para narrar a corte e os feitos políticos dos governadores do segundo reinado no Brasil. No entanto, se as imagens produzidas serviram para ilustrar uma história de disputa política pelo território do Brasil, outrossim criaram os fundamentos para a compreensão da arte que aqui se construiria. Na tela *Mata reduzida a carvão* (Figura 04), do então diretor da Academia brasileira de Belas Artes, o francês Félix-Émile Taunay (1795-1881), pintor do gênero paisagem, exemplifica essa mensagem histórica do que acontecia no interior das

florestas.

Figura 05: “Mata Reduzida a Carvão”, 1830. Félix-Émile Taunay. Óleo sobre tela, 135cm x 195cm



Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3132/mata-reduzida-a-carvao>. Acesso em 18/04/2024.

Na imagem (Figura 05), composta pela presença de árvores abundantes e variadas do lado direito da tela, observamos o contraste, ocasionado pela derrubada de parte da floresta. A presença de homens de ambos os lados denota a ideia de exploração das florestas como áreas conhecidas e demarcadas pelas espécies de madeiras nobres. O contraste também é enfatizado pelas tonalidades de cores. O espaço vazio causado pela queimada sinalizada pela fumaça permite observar os vales que compõem o fundo da tela. Interessante nessa tela de Félix Taunay a apresentação retratada da paisagem daquela inicialmente elaborada pelos holandeses, nas quais a importância era fundamentada nas técnicas de representar a natureza, o céu, o rio e a mata. Na representação de Taunay, observamos uma ideia, um acontecimento nas florestas brasileiras sua derrubada e queimada, exploração de madeira que também perdura até os dias atuais. Na leitura da imagem do artista podemos visualizar um certo conflito, entre uma floresta preservada e outra destruída, uma contradição até mesmo para a composição harmônica, intocada da pujança da fauna e flora do Brasil com as quais pintavam as paisagens. Todavia, a contradição que nos referimos está na narrativa construída, à ideia de desenvolvimento do império: desmatar para povoar, construir e desenvolver o Brasil.

Assim, voltando ao artista tracuateuense, a construção da paisagem pintada por Elienai Moraes lança mão de referenciais que fazem parte da trajetória histórica da arte ocidental, seguindo algumas diretrizes para orientar sua pintura, principalmente nas escolhas técnicas.

Busca copiar alguns elementos destes referenciais para ganhar autonomia no seu modo de representar, na opção em pintar a óleo, por exemplo, ou rascunhando sua paisagem na tela a partir da observação direta, preferindo paisagens naturais, marinas e rurais; deixando de copiar cartões ou imagens de livros para fazer uso da fotografia da realidade, pois, assim, já pensa no ângulo que sua pintura receberá na tela.

3 - ADENTRANDO OS PROCESSOS...

Em seu processo de formação, buscou em 2004 um curso de desenho por correspondência pelo Instituto Universal Brasileiro, complementando com suas buscas sobre a história da arte observava atentamente obras de artistas como as de Claude Monet e do holandês Rembrandt (1606-1669), as formas das pinceladas na tela, os pontos de luz e sombra. Mas também, sentindo-se atraído pelo trabalho do artista brasileiro, Cândido Portinari (1903-1962), sobretudo pela obra “Os retirantes”, de 1944: “É uma imagem que sinto na pele”, diz Elienai Moraes (entrevista 15/02/2024). O artista mantém ainda constantes diálogos com pintores nacionais, como os paulistas Clóvis Pescio e Paulo Frade, como forma de trocar informações sobre novas técnicas de pintura, tintas e pincéis, afirmando uma identificação com o tipo de pintura acadêmica desses artistas.

Em 2019, Elienai Moraes pinta a obra “Comunidade de Jurussaca” (Figura 05). Localizada na zona rural de Tracuateua, essa comunidade guarda uma história de resistência. Fundada como quilombo, mantém a festa de todos os santos, sua principal manifestação cultural, fundamental para manter a memória local dos mais antigos moradores, fundadores da festa.

Figura 6: Elienai Moraes, “Comunidade Jurussaca” (2019). Óleo s/tela – 50cm x 60cm.



Fonte: Arquivo pessoal do artista

Na Figura 06, o recorte dos três elementos simbólicos pintado pelo artista – o salão, a igreja e a escola – dispostos entre as árvores e um amplo espaço verde na frente, apontam para fatores importantes que ordenam a vivência do ser humano em sociedade. As celebrações, o exercício da espiritualidade e a transmissão dos conhecimentos, saberes e fazeres de uma cultura que constroem sentidos para as pessoas escolherem os modos de expressarem sua visão de mundo. Elienai registra visualmente esses elementos na pintura. Em uma descrição objetiva, a composição traz no primeiro plano, no lado esquerdo, os galhos de uma árvore e na parte inferior do quadro um espaço verde que se espalha. No segundo plano estão dispostas as figuras de casa, igreja, escola, caixa d'água, marcadamente pintadas com amarelo, azul e vermelho, vibrantes. No terceiro plano, as árvores que também são destacadas pelo fundo azul recebem a luz, evidenciando as folhas novas da mangueira e palmeiras. Todos os elementos compositivos da imagem recebem uma boa dose de iluminação, indício de que o artista escolheu um dia ensolarado para essa pintura.

Outra escolha temática de Elienai são as paisagens de marinas, nas quais apresenta simbolicamente algumas características regionais paraenses, significativas para a cultura amazônica, na figura dos barcos na beira rio – por exemplo – expondo alguns costumes e dinâmica cultural de cidades que sobrevivem do rio, da pesca. Simbolicamente, o rio se apresenta profundo e longo, sendo estrada, caminho de comunicação entre comunidades pesqueiras e o centro comercial da cidade.

A Figura 07 apresenta um recorte da antiga Orla de Bragança, município a 17 km de Tracuateua. Na imagem, o artista pinta as embarcações no primeiro plano, ao fundo as casas entremeadas pelas árvores e o rio no centro, refletindo o céu que compõem uma leitura dos aspectos socioculturais de uma cidade do interior do Pará. Nessa paisagem os barcos, os rios são vistos como materialidades dessas culturas, o rio é também caminho, rota de interação, os barcos para além de ser um meio de transporte, significam um instrumento importante para explorar os espaços e dar sentido à imensa floresta que circundam os rios. Sobre isso, o poeta e escritor Paes Loureiro (1995, p.56), expõe:

A cultura amazônica onde predomina a motivação de origem rural-ribeirinha é aquela na qual melhor se expressam, mais vivas se mantêm as manifestações decorrentes de um imaginário unificador refletido nos mitos, na expressão artística propriamente dita e na visualidade que caracteriza suas produções de caráter utilitário – casas, barcos etc. O interior – expressão que designa o mundo rural, embora inclua vila e povoados – é o lugar das tensões próprias dessa sociedade onde os grupos humanos estão dispersos ao longo de extensos espaços e onde se acham mergulhados numa ideia vaga de infinitude, propiciadora de livre expansão do imaginário. Sobrevive nela uma consciência individual pela qual o homem se realiza como co-criador de um mundo em que o imaginal estetizante e poetizador se revela como uma forma de celebração total da vida.

Experiência sensorial, sensibilidade estética movem Elienai ao pintar barcos, trazendo o rio, os barcos pesqueiros e a esplêndida visualidade da floresta que os envolvem, retratando sob seu olhar elementos culturais emblemáticos na qual estabelece um verdadeiro elo poético entre atividade econômica, vida cotidiana de uma parcela de trabalhadores e trabalhadoras que tem na pesca seu sustento diário.

Figura 07: Elienai Moraes. Acrílico sobre tela. 50× 60 cm. Orla de Bragança. Ano 2021



Fonte: Arquivo pessoal do artista.

Por outro lado, visualizamos de modo contemplativo essa junção poética de uma realidade simbólica e objetiva. As sensações provocadas por objetos, paisagens e pessoas implicam em novas sensações, composição de sentimentos que vão referenciar a forma como ordenaremos as coisas, os acontecimentos durante nossa existência. Elienai Moraes gosta de pintar ao ar livre, experimentando a luz do dia:

Quando observo uma paisagem é inexplicável [...]. A paisagem que mais me inspira é a paisagem natural, quando consigo ver a linha do horizonte. Aquela mata azulada, vai ficando mais forte na medida que se aproxima de mim. A atmosfera. A perspectiva aérea. Meu espírito flutua quando vejo tudo aquilo. Aí dar uma vontade de passar toda essa sensação para a tela. (Elienai Moraes, outubro/23)

Palavras que nos levam a pensar em Paes Loureiro (2014, p. 39), ao afirmar que, diante do olhar, a paisagem é consagrada a diferenciar de forma delicada cada elemento observado. Gosto e julgamentos estão na fricção das escolhas e a paisagem formada na vibração do momento. O artista movente, se deslocando para expressar ao seu modo como significa seu

entorno, sua morada cultural, seu ser artístico. Coaduno com Loureiro quando se refere à paisagem amazônica, como uma leitura que fazemos mais com o sentimento, pois a razão não encontra todos os elos sensíveis contidos nela e em nós. A fala se cala diante do inexplicável.

Na obra *A cidade dos Ipês*, de 2023 (Figura 08), Elienai fez uso da fotografia para pintar uma paisagem sobre a florada dos ipês amarelos localizados às margens da antiga Ferrovia Belém-Bragança (extinta em 1965) atravessando o centro da cidade de Tracuateua, ponto de origem da cidade. A florada ocorre entre os meses de setembro a novembro de cada ano, atraindo visitantes de cidades próximas como Bragança, Augusto Correa e Capanema.

Figura 08: Elienai Moraes, “A cidade dos Ipês” (2023). Óleo s/tela – 40 x 50cm.



Fonte: Acervo pessoal do artista

Para Elienai, a mensagem impressa nessa tela retrata o surgimento de Tracuateua, especialmente do trem. A antiga ferrovia, que sob a prerrogativa de desenvolver as regiões do norte do Brasil com o escoamento de mercadoria, trouxe ao território paraense os cassacos – como eram conhecidos os trabalhadores nordestinos que abriam a mata e fundiam os trilhos do trem. No lugar retratado na tela foi construído o campo experimental da Embrapa, que constava de instalações residenciais e escritórios para as famílias que o governo estadual enviava como responsáveis pelos trabalhos agrícolas das terras. Interessante observar que essa mensagem do artista na obra não traz elementos corroborativos dessa narrativa histórica da cidade.

Segundo o artista – em entrevista concedida em 15/02/2024 – a pintura do quadro “A

cidade dos ipês” o desafiou a “mudar muitas coisas que não estavam na fotografia [...]. Acrescentei coisas que na foto não existiam. Tive que criar, experimentar cor, fazer vários testes para encontrar a saturação correta das cores”. Uma busca estética idealizada como forma de satisfazer os mais diversos espectadores de suas obras o conduz a realizar várias experimentações até alcançar o seu ideal estético, o ponto onde a beleza e a emoção finalmente se encontram. No percurso de criação do artista também povoam os conflitos, as dificuldades, as tensões, o que Sales (1998, p.28) chama de “itinerários recursivos de tentativas, sob o comando de um projeto de natureza estética e ética”, ou seja, o artista segue sua tendência de ir rumo à ideia que se quer transformar, dando forma ao pensamento, agindo repetidas vezes até alcançar o que planejou concretizar. Assim, pensamento e ação vão gerando o trabalho almejado: a construção da obra de arte do ponto de vista do artista, considerando sua natureza estética e ética do que a arte representa para si.

A tela apresenta uma paisagem composta por árvores variadas do lado esquerdo, onde se destaca a florada dos ipês amarelos. No centro da tela, uma larga estrada que conduz a visão para o fundo da tela, onde encontramos um céu azul encoberto por nuvens que preencherá metade do lado direito do quadro. Vemos do lado esquerdo a representação de uma vegetação diversa, onde as tonalidades de verde destaca o amarelo vibrante das copas das árvores. Observa-se que no lado esquerdo da composição, o artista concentrou mais elementos. Porém, como ponto simétrico temos a ideia de uma estrada no primeiro plano da imagem. E acima, o céu, encoberto pelas nuvens sugerem um dia nublado. Mas, o instigante da obra é o aparente direcionamento que conduz o olhar para o limite da linha horizontal ao final da imagem, causando a sensação de infinitude dessa estrada.

Dessa forma, podemos afirmar que as características da pintura de Elienai remetem a sua longa trajetória de construção como artista, ao seu exercício pessoal de buscar, explorar técnicas, inclusive de pinturas paisagísticas do século XIX, de mestres clássicos que apontavam para a importância da observação direta da natureza, registros precisos de luz, cores e formas. Mas na observação das pinturas de Elienai há um diferencial que vai além das técnicas, sua maestria em pintar aspectos de sua cultura, ou seja, barcos, rios, natureza e que representam sua região com suas características naturais e culturais. Pinta sua cidade, na qual reside e se construiu enquanto ser humano e artista. Para Elienai, as paisagens exercem fascinação e inquietação, pois “quando olho uma paisagem, consigo ver uma história”. Elienai conta, através dessa afirmativa, uns de seus processos criativos. “Via as pinturas e nelas se desenhava uma história em minha cabeça, conseguia interpretar as imagens”. Uma narrativa que desencadeia no processo comunicativo entre pintor, tela, pincel e as muitas sensações

provocadas pelo que o artista observa.

Para Barbieri (2021, 72), “o que é narrado nos conta de uma visão de mundo e de situações que foram vividas presentes no corpo. A memória é uma narrativa inventada que traz consigo uma ancestralidade”, ideia fundamental na construção da paisagem de Elienai. Suas memórias da infância com seus pais, dos lugares por onde passou atravessam sua pintura, registrando nelas elementos culturais pertencentes à historicidade e paisagens da cidade e região em que reside, aspectos esses presentes Figura 08.

Destacamos dois elementos simbólicos enunciados no quadro: os ipês amarelos, como marca de uma cidade rica em paisagens naturais e a estrada, rota do antigo trem que um dia iniciou o surgimento da cidade Tracuateua. Elienai retirou elementos, tais como figura humana e as casas, mantendo uma imagem serena, bucólica e contemplativa, e que, intimamente, remete à lembrança de seus pais trabalhando na roça, o sabor da comida feita à lenha, sua lida com os animais da fazenda e seu trajeto até a escola. A vida no sítio, embora simples, o deixava perto daquilo que lhe causava empolgação: a natureza. Para ele, “a beleza da paisagem, que ela traz, os rios, os vales, os relevos, o céu iluminado pelo sol, isso aí, a natureza tem uma beleza única e incomparável” (entrevista com o artista 21/09/2023). E assim, o artista pinta, carregado de lembranças, saudade, sentimentos que o motivam a pintar paisagens representando propriedades rurais afastadas dos barulhos e agitações das grandes cidades.

Observamos em Elienai, um artista tentando parar o tempo, ou melhor, a velocidade com a qual o ser humano está sendo moldado em prol a um desenvolvimento que mais destrói do que constrói. Um pintor celebrando sua visão da natureza, da qual, tenta se apropriar fazendo breves recortes, eternizando na memória de um menino crescido em meio a árvores e rios. Como pintor de paisagem, Elienai nos faz lembrar o poema Menino e o rio, de Manoel de Barros (2010), da infância vivida em fazenda e das “raízes crianceiras”, que segundo o autor “vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores” (2010).

Elienai, em suas produções artísticas tem um pouco desse menino que teve uma infância em comunhão com a natureza, cercado pela mata, pelo rio, casas, mas também construído pelo ambiente cultural de seu lugar que atraiu seu olhar para imprimir na tela o seu modo de contemplar suas “paisagens acolhedoras”.

4 - A PERCEPÇÃO DA CRIANÇA NA ARTE

A criança tende a explorar objetos, espaços, gostos, cheiros desde muito cedo e faz isso

por inteiro com o corpo experimentando, tocando, vendo, provando. Quando pinta e desenha manifesta essa ação com o corpo pensando e agindo, assim cria simbolizando e dando forma ao mundo que a cerca. Esse ato de criar, da forma as coisas (OSTROWER, 1987, p.9) ocorre por meios referenciais, ou seja, mediados pelo contexto sociocultural no qual a criança se insere, a cultura transmitida irá exercer papel fundamental nos processos de criação.

Ao desenhar uma paisagem a criança seleciona os elementos que irão compor sua imagem mediante seu percurso de interação com seu meio sociocultural e sua compreensão do meio natural, ou seja, o que vivencia e observa em seu cotidiano, irá explorar na ação gráfica, na composição de sua imagem e simultaneamente vai realizando a leitura do próprio desenho, desse modo, sua experiência com os desenhos que vê, sobre os quais age visualmente (IAVELBERG, 2013, p. 100) constituirá em novos conhecimentos para seus próprios desenhos. Por exemplo, a fala de Lucas (9 anos), estudante da escola pesquisada, quando diz: “o que mais gostei foi do sol, da casa, da luz”, reflete não somente sua vivência, mas sua percepção sensorial sobre uma pintura de paisagem.

Quando a criança Tiago (9 anos) diz: “gostei de pintar e desenhá-lo”, utiliza a fala para manifestar uma experiência vivida, uma ação sobre alguma coisa, objeto. Para além, de ser uma ação executada por Tiago, o desenho e a pintura partem dos sentidos, da percepção que a criança busca expressar por meio do corpo, olhos, mãos sobre um suporte no qual deixará seu gesto. Desse modo, oportunizar as crianças a terem contato com obras de artes e desenhos de artistas de várias nacionalidades e regionalidades corrobora para enriquecer os diálogos entre a criança e as poéticas provenientes dos atos criativos dos artistas, desencadeando, segundo Iavelberg (2013, p.42) “um processo de desequilíbrio e reequilíbrio dos pequenos desenhistas” que vão continuar desenhando, porém, partindo do que observam e compreendem dos mundos poéticos desses artistas. A compreensão de si, de nós, está na capacidade de entender o espaço que nos rodeia, mediante, os processos culturais que também operam em nossas experiências e sensibilidade.

Nesse sentido, a arte concebida como expressão humana não possui apenas uma linguagem, tampouco universal em todos os diferentes contextos culturais. A arte é um corpo povoado por memórias, experiências e vozes, um corpo múltiplo que imprime significados as formas que cria, sendo ele mesmo também significante. Um corpo inacabado, em constante transformação que vai materializando simbolicamente a existência humana. A arte provém dos humanos e dos elos constitutivos destes com as culturas produzidas. De certo, sua existência se dá em quem a produz e contempla. Arte, segundo o professor e pesquisador paraense

Afonso Medeiros (2012, p. 76), “é arte do corpo por, pelo menos, dois motivos: ninguém tem um corpo, cada um de nós é um corpo; e nenhuma arte exclui o corpo como produtor, mediador e receptor do fenômeno artístico”. Nesse conceito a arte está para o humano, assim como o humano está para a arte.

A artista plástica e educadora Stela Barbieri (2021, p.14) elucida que a experiência estética acontece naquilo que nos impacta no cotidiano, sendo “uma bagagem que carregamos, uma experiência corporificada que nos traz deslocamentos e/ou perplexidade” ao longo da vida permitindo novas reconstruções e sentidos do espaço que ocupamos, da matéria que transformamos e do tempo presente. Dessa forma, possibilitar momentos onde possamos expressar nossos pensamentos, olhar o lugar que nos envolve por meio das “lentes” das artes visuais, potencializa nossa capacidade de refletir sobre aquilo que nos afeta ou afetamos em nosso entorno.

No entanto, como olhamos nosso lugar através da pintura?

Paralelo aos conceitos de criação e de arte que embasam o ensino de Artes Visuais e introduzindo as pinturas do artista Elienai Moraes nas práticas pedagógicas da sala de aula, com as crianças, descrevemos a partir daqui as etapas da produção, aplicabilidade das obras do artista no contexto da sala de aula de uma turma do 4º ano do ensino fundamental. Compondo a primeira etapa apresentamos o artista, contando brevemente sua experiência como pintor; na sequência, utilizamos a projeção de algumas paisagens pintadas pelo artista, abrindo uma roda de conversa para as leituras das crianças acerca das obras de Elienai. Nessa etapa tivemos o momento da experiência artística e, como proposta, a pintura de “sacolas literárias”, para serem usadas na Sala de Leitura da escola onde a pesquisa foi desenvolvida. Infelizmente, como contratempo do processo de produção e coleta, devido um problema de saúde, as crianças não conseguiram ter um contato direto com o artista.

Sendo assim, a segunda etapa ocorreu no 2º semestre de 2023, trazendo novamente para as aulas de artes visuais, outras pinturas de Elienai, porém, com o intuito de ouvir as leituras das crianças. A fala de Mayse (9 anos), “queria morar num lugar assim”, refere-se à pintura apresentada na Figura 8. Mayse é uma criança que nunca foi à praia, os rios que conhece são de água doce, de águas frias, porém, tem vontade de conhecer a praia de Ajuruteua, que fica a aproximadamente 56 km de Tracuateua. A imagem provocou na criança um desejo de conhecer um lugar que ela apenas imagina como é, despertando em si sensações de como seria habitar próximo ao mar.

Figura 09: “Barcos na praia de campo do meio – Ajuruteua”. 2018. Óleo s/ tela. 30x70cm.



Fonte: Arquivo pessoal do artista

Na tela, os barcos pesqueiros ancorados na beira mar denotam que aguardam a ordem da maré, esperando as águas abundantes chegarem para os barcos flutuarem e seguirem o ritual da pescaria. Os elementos que compõem a tela foram distribuídos simetricamente, o céu azul com nuvens realçam um dia de sol, o movimento que se observa nas bandeirinhas dos barcos indica a presença da brisa. Os barcos estão com os instrumentos de pesca, sinalizando o aguardo da cheia da maré.

“Elienai gostava de pintar barcos, porque lembrava do avô”, Sofia (9 anos) traz em sua fala um recorte da história de vida de Elienai Moraes, quando contei que seu interesse por barcos, pintura de marinas mantinha viva a memória do avô que desenhava barcos. Outro ponto na fala da criança foi à associação dos aspectos da vida do artista com sua produção artística. Sobre isso, Salles (2006, p. 59) afirma ser no “entrecruzamento de todas as veredas que conseguimos compreender os tempos envolvidos nos percursos de construções de obras.” A criança tece uma fala fundamental que permite considerar em sua leitura a compreensão de que na produção da obra de arte, no caso de Elienai, suas pinturas recebem características das emoções e memórias do artista.

Ler o mundo, na concepção de Paulo Freire, reflete a forma de representação de nosso lugar, a simbologia muitas vezes implícitas nas coisas, na rua, no quintal, no chão e nos estreitamentos de nossas relações com as pessoas e com a natureza (BRANDÃO, 2014, p.19). Desse modo, ao trazer as pinturas de paisagem para as crianças do 4º ano, tínhamos or finalidade possibilitar outros suportes de leitura, outros acervos artísticos que saem da produção que está centrada no eixo Sul e Sudeste, outras maneiras de se relacionar com as paisagens regionais/locais, com suas cores, movimentos, formas e texturas mediante processos

interacionais com a cultura local e a natureza.

Quando Richter (2004, p. 48) afirma que a cor não é apenas um dado na superfície da pintura, mas uma sensação do mundo psíquico, ela nos sugere que as cores provêm de como as percebemos através de nós e em torno de nós. Portanto, quando Igor (9 anos), uma das crianças do 4º ano, afirma que Elienai gosta da cor azul porque “os barcos têm azul” – uma cor muito presente nas pinturas de marinas do artista – ele está observando uma característica não só visual, mas que peculiar à pintura de Elienai. Para Marlon (9 anos) o gosto, o prazer estético esboçado na fala “Eu gostei da pintura, da paisagem de Elienai” demonstra o caráter autônomo e fruidor do contato da criança com obras artísticas e mais ainda quando essa criança passa a saber que o artista vive e trabalha em seu município. Para além de expor seu deleite diante da arte, a criança também observa a representação da paisagem sob a ótica do artista, absorvendo outra ideia de expressar o mundo e exercendo nessa interação arte – artista – criança papel fundamental de leitor espectador que ora experimenta, ora fala, ora ordena de sua maneira a forma como ver e sente o espaço-tempo que vive.

5 - A CRIANÇA ENTRE PAISAGENS, PINTURAS E SACOLAS

Essa pesquisa foi desenvolvida com 22 crianças, na faixa etária entre 9 e 10 anos, todas participaram do processo de produção das pinturas, porém algumas expressaram em falas essa experiência de modo mais expressivo para o registro. Crianças em processo de domínio da leitura e da escrita impulsionaram a inserção nas aulas de arte dos elementos visuais paralelo ao alfabeto que já constava na parede da sala de aula. Nesse processo de leitura em questão surgiu a ideia das sacolas que posteriormente foram denominadas de sacolas literárias, haja vista, que nelas estavam pintados elementos simbólicos da realidade de cada criança partindo de leituras feitas baseadas nas pinturas de paisagens de Elienai Moraes. As sacolas, por sua vez, trazem uma história em si, para além de mero suporte para as pinturas, 05 delas foram confeccionadas aproveitando um tecido que também foi utilizado como tela para as pinturas das professoras de Educação Infantil no ano de 2016, numa oficina de desenho. E dada à escassez de material adequado para o desenho na escola, reutilizei para fazer as sacolas.

As primeiras sacolas (figura 10) são de algodão, um tipo de lona adequado para receber pinturas de diversos materiais como tinta acrílica, tinta a óleo e até mesmo pinceis especiais para tecido. Quando as crianças receberam as sacolas, observaram que no bolso haviam desenhos e alguns deles receberam uma restauração das cores - *Pronto, agora sim, essa*

borboleta ficou mais feliz - (Alice, 9 anos). A criança dá nova cor ao desenho porque o percebe sem brilho, sem vivacidade, sem traços definidos, exercita o processo que Buoro (1998, p 42) chama de dissociação e associação entre ver/fazer e fazer/ver, a criança ler a pintura, interpretando ao seu modo como um signo novo, portando uma nova pintura.

Assim, a sacola passou de simples suporte e recebeu um registro significativo – as pinturas das crianças – que passariam a fazer parte do projeto de leitura da escola onde essa pesquisa se realizou. Se de um lado estavam desenhos das professoras como frutas, flores e bichos, noutro estavam os desenhos das crianças, *o sol, o rio, a rua, as pessoas, os barcos* (Jamily, 9 anos). Jamily, com sua sacola em mãos, descrevia sua paisagem para seus colegas elencando cada elemento que observava no desenho: *nessa paisagem tem casas e as pessoas. Tem a estrada para carro. Tem passarinho, árvores.* Através da leitura de Jamily as sacolas se transformaram em telas de obras de arte, e partindo delas, desse movimento interativo de produção de conhecimento entre o artista, sua produção e criação das crianças surgiu à ideia de elaborar um catálogo como produto que pudesse dar visibilidade para as pinturas de Elienai Moraes de modo a compartilhar possíveis práticas artísticas que ampliassem o repertório artístico das crianças, alimentando a construção de seu olhar para a fruição de obras de arte.

Figura 10: Sacolas produzidas pelas crianças na 1ª etapa



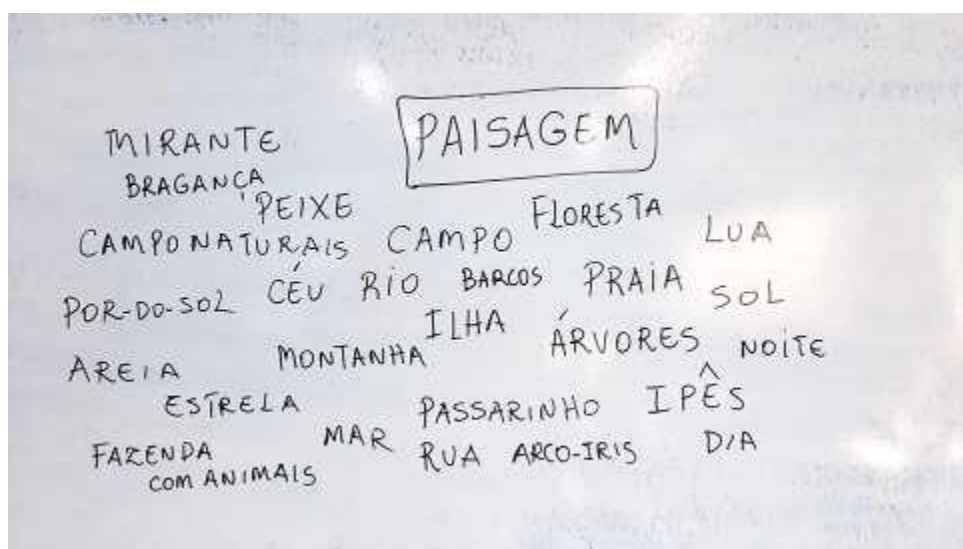
Fonte: Arquivo pessoal. Maio/2023

Ressaltamos que essa primeira etapa trouxe a sacola literária como fomento entre Arte e Leitura. A sacola por fazer parte do projeto de incentivo à leitura desenvolvido pela escola e o fazer artístico como experiência estética. A Arte como campo de saber que precisa ser explorado enquanto conhecimento desde o início da escolarização do ser humano, permitindo diálogos entre os projetos educativos que a escola vem desenvolvendo como formas possíveis

de leitura e aquisição de novas aprendizagens como ampliação do conhecimento das crianças no campo das artes visuais. E como forma de ampliar novas possibilidades do trabalho com as pinturas de Elienai Moraes, surgiu à ideia do catálogo com as obras desse artista, obras trabalhadas com as crianças durante essa pesquisa. Entendemos que materializar as obras do artista, potencializa o trabalho com as imagens em sala de aula, possibilita aos demais professores ao se apropriar desse material como recurso pedagógico para planejar suas aulas e por fim visibilizar um artista plástico da mesma cidade dos alunos.

Na segunda etapa da execução da pesquisa, as produções de Elienai foram usadas no estudo de paisagem. O que é paisagem? Como a construímos através da pintura? Para tanto, sondamos as crianças sobre o que pensavam do tema e as respostas foram escritas no quadro demonstrando referenciais do próprio contexto sociocultural do qual faziam parte, relação construída na medida em que a criança vai explorando as coisas com mais intensidade, com os sentidos, com o corpo provando cada textura, tocando os passarinhos, correndo na rua, banhando no rio. Dia ou noite observando o céu presente sobre as pessoas, animais ou refletido nas águas. A paisagem, assim, vai sendo construída através de quem sente, ver e simboliza dando significado para as coisas com as quais se identifica e pertence.

Figura 11: “Cartografia” da paisagem do município de Tracuateua. Respostas sobre paisagem/4º ano



Fonte: arquivo pessoal. Out/2023

Assim, na figura 11, apresentamos um registro de palavras, que representaram uma espécie de cartografia de paisagem idealizada pelas crianças. Um mapeamento da concepção do que a paisagem representa para quem olha o espaço, sua cidade. Nas falas das crianças, suas ideias sobre o que é paisagem ressoaram poeticamente: paisagem são árvores, onde mora

o passarinho. Paisagem é dia porque tem o sol, mas pode ser a noite iluminada pela lua e estrelas. Paisagem é o céu refletido no rio, onde vivem os peixes; o pôr-do-sol na praia. Paisagem é uma ilha ladeada por montanhas, cujo acesso é através de barcos. Paisagem é contemplar o mar sentado na areia. Paisagem é o campo, uma floresta próxima a uma fazenda com animais. Para cada paisagem um olhar, uma sensação, uma experiência que fundamentalmente nos direciona para ressignificar de forma simbólica a vida e modo como vamos vive-la.

Partindo dessa ideia de paisagem como construção sociocultural, o contato visual com as pinturas de Elienai desencadearam novas produções das crianças. Em dupla, as crianças receberam sacolas totalmente sem imagens, na sala de aula foi disponibilizada uma mesa na qual colocamos as tintas (usei tinta acrílica para tecido), os pinceis, copos pequenos para separar as tintas ou misturá-las se fosse o caso, também deixei acessíveis canetas para pintar tecido, água e tiras de pano para limpar os pinceis. E relembramos a história do artista quando iniciou suas pinturas e o que mais gostava de pintar. Como pintor de paisagem, Elienai vasculhava lugares onde a natureza o instigava, aguçando todos seus sentidos. Então solicitamos que cada dupla escolhessem uma paisagem, um lugar que gostavam e pintassem nas sacolas.

Seguindo as orientações, as crianças circularam entre as tintas, selecionando as que iriam usar nas pinturas. Muitas duplas fizeram rascunhos dos desenhos que comporia sua paisagem, experimentavam cores, linha, formas. Desenharam elementos, dividindo chão e céu, rio e céu, neles acrescentavam a paisagem que idealizaram. Ao fim, solicitamos que socializassem suas pinturas, fazendo as leituras para seus colegas. E trouxemos como registro algumas falas dessa produção. Sofia dizia que era artista desde pequena porque adorava desenhar, pegou sua sacola e disse:

Eu resolvi fazer numa praia, mas só que de noite. Então, aqui, a areia, as pedras, o rio. E aqui a lua e as estrelas. Então eu pensei em usar da minha cabeça, um rio. Eu fiz isso. Aqui é minha paisagem: a lua, as estrelas, o céu, o rio, a pedra. Então essa é minha pintura paisagem, baseada na noite. (Sofia, 9 anos).

Figura 12. Atividade pintura de paisagem



Fonte: Arquivo pessoal. Out/2023

Sofia (9 anos) pintou a noite, (Figura 12). Suas palavras como resposta do que seria paisagem, foram as estrelas, a lua, a noite, o rio. A criança trouxe em sua pintura a ideia que para ela constitui uma paisagem, dividindo a tela em três partes o céu em duas cores, o chão com duas pedras e a água, representada pela cor azul celeste. As cores elucidam a decisão da criança em expressar a noite pela tonalidade escura, a cor preta com pontos luminosos que compõem o céu, as estrelas e a lua, define o que é céu, o chão, porém, um conflito se instala na composição da pintura, dois céus divididos. Sofia explica: *errei, deveria ter usado somente o azul e pintado as estrelas*. A criança reconhece uma falha operacional no uso das tonalidades para representar a noite, Salles (2006, p. 132) discorre sobre isso, denominando de erro e acaso, situações que ocorrem no processo criador em curso e que provocam a necessidade de solução. Sofia não conseguiu encontrar a solução porque, segundo ela teria que ter mais tinta preta para cobrir o azul, porém, decidiu deixar as cores da noite em duas porque não queria perder o azul.

Nas imagens construídas pelas crianças os elementos como o rio, o céu, o sol, as árvores, o dia, à noite, as pessoas, animais, estradas etc. vão se constituindo em paisagens, das quais recebem referências da observação do próprio lugar. Os desenhos das crianças fazem parte da

linguagem plástica com a qual mantem uma relação dialógica com seus pares através de representações que deixam falar de si e do outro. Segundo Gobi (2014, p. 150):

Os desenhos das crianças, não são feitos apenas para serem observados como obras independentes. Ao observarmos com cautela, perceberemos que os mesmos compõem certos rituais infantis, demonstram e criam hierarquias entre os desenhistas e seus desenhos passam a ter valores e são vistos de maneiras diversas entre os pares de idades iguais ou diferentes, recebem tratamentos diferenciados de acordo com o lugar ocupado, entre os demais desenhistas e seus autores. Impactam relações e espaços, criam ambientes.

Ao desenhar a criança pensa no espaço que irá representar e nas relações estabelecidas com a realidade, deixando rastros simbólicos ao criar um ambiente em que os elementos recebem significação por desencadearem lembranças afetuosas sobre lugares e pessoas. É o que se observa na pintura de Igor e Willian (9 anos), a representação de paisagem está ancorada no barco em alto mar, no céu pintado de azul, a praia (figura 13). A criança comentou que pintou o barco porque se lembrou de um tio que trabalhava como pescador. Além do mar, do barco, a criança pintou a praia se colocando em um ponto como observador, local de onde pudesse observar toda sua paisagem.

Figura 13. Atividade Pintura de paisagem



Fonte: Arquivo pessoal. Out/2023.

Igor apresenta sua pintura numa breve narrativa: *esse aqui é o meu trabalho. Eu fiz sobre um homem que conheço e trabalha nisso* (aponta para o barco que pintou). *Que é uma paisagem. Isso aqui é a praia.* (Igor, 9 anos). Percebe-se na fala da criança um referencial cultural importante, uma pessoa que não está na imagem, porém é referenciada pelo desenho do barco, da praia, elementos que são do conhecimento da criança. Uma leitura da realidade vivenciada e representada simbolicamente como uma paisagem. Igor e Willian dividem a tela, tendo na parte superior o céu azul, o sol e pássaros. Na parte inferior a areia representada pela cor laranja, onde se percebe guarda-sol, cadeira e pessoas deitadas. No centro, o barco sobre as ondas levemente agitadas, indica a movimentação da embarcação para o lado esquerdo da tela. Observa-se a ausência de fundo e as proporções nos tamanhos dos elementos dispostos na tela. Constata-se um desenho livre, sem a preocupação de julgamentos quanto à organização e distribuição de espaços para cada elemento apresentado na pintura. Quando a criança diz: *eu fiz sobre um homem que conheço...* ela afirma sua intencionalidade, seu pertencimento cultural ao manifestar através de sua pintura algo que faz parte de seu convívio afetivo.

Interessante chegar nessa etapa dessa pesquisa e lançar um olhar sobre todo o processo percorrido que foi investigar a produção artística de Elienai Moraes e introduzir suas pinturas nas aulas de artes visuais para as crianças. Praticamente dois anos dedicados, ora embasando a mente com leituras, ora roçando caminhos para a arte saudar com toda sua poética as crianças. E houve os atravessamentos, as vozes que certamente ecoaram e ainda ecoam em mim e nas crianças que comigo participaram desse processo dizendo: *Somos seres de experiência. Tudo o que se passa na vida nos atravessa, nos altera e faz com que cada um de nós seja único, mas habitado por muitos.* (RUFINO, 2021, p.13). Saímos alterados, compartilhando e ampliando nossas aprendizagens sobre o mundo e nós mesmos. Abrindo nossas janelas, portas ou frestas para enxergar o quanto temos que aprender com nosso chão, nele tem o céu e a terra; o mar e sol; o dia e a noite, semelhante a outras partes desse vasto mundo. Nesse chão residem as crianças que estão nas escolas prontas para conhecer mais desse chão. Apresentemos a arte que reside nesse lugar.

E nesse lugar, o artista Elienai Moraes adentrou a sala de aula, sua técnica, suas obras de arte foram aproximando as crianças do conteúdo das artes visuais e possibilitando o fazer e o pensar artístico. Mais que isso, as crianças conheceram um artista, sua história de vida, seus processos de construção artística. Experimentaram a fruição estética ao fazer arte. Exploraram tintas, manusearam pinceis, criaram. Exerceram a liberdade de manifestar seus olhares do lugar conhecido ou inventado. Aguçaram a percepção estética diante da obra de arte, compreendendo

que não olhamos nem lemos o mundo, um livro e uma obra de arte da mesma forma, pois somos seres em construção, pertencentes a culturas diversas, porém, sempre carregamos um pouco das ideias de outros, porque vivemos em sociedade ligada por elos de identificação, afetos, linguagem e costumes.

Enquanto professora, mediamos o processo ensino aprendizagem buscando ampliar o repertório das crianças quanto à área das artes visuais. Além disso, esse processo de aprendizagem através das atividades plásticas atravessou vários caminhos, plantando sementes de liberdade, respeito e entrelaçou vidas durante o processo de conhecer e ressignificar o visto, sentido e compartilhado. Despertou amizade e afetos cravados na memória. Cindiu o corpo com tantos abraços e olhares de cumplicidade. O resultado seria bem melhor se o ensino de artes visuais fosse compreendido com a mesma importância que o ensino das leituras e das escritas. Mas, enquanto isso não acontece, vamos pintando as paisagens que nos fazem vibrar de alegrias permitindo ao corpo mover-se entre as encantarias das descobertas.

6 - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Em um determinado momento de minha vida cheguei a pensar que em minha cidade não existia artistas, aqui estou escrevendo essas breves linhas sobre uma pesquisa realizada na cidade de Tracuateua com o artista Elienai Moraes, residente na mesma cidade. Atribuo essa ignorância a frágil educação que tive e que muitas crianças, infelizmente ainda têm atualmente. Mas como foi que soube da existência desse artista? E por que trazê-lo nessa pesquisa? Qual importância de trazer este artista para as escolas?

Respondendo a terceira pergunta, respondo as duas anteriores. Se durante todo meu ensino fundamental tivesse conhecido sequer a linha como seguimento do ponto, certamente enxergaria que as linhas do horizonte fluxo existem para fluir por mundos imaginados e possíveis e que em todos os lugares a Arte poetiza a humanidade, movendo-a para as novas descobertas e invenções. Saberria que a existência da arte se manifestava em mim quando desenhava na parede de casa com folhas verdes e carvão. Saberria que quando minha mãe escrevia suas poesias e cantava a arte estava presente. Então trazer uma artista para a escola, sobretudo quando mora na mesma cidade, rua ou aldeia, faz uma imensa diferença no aprendizado de arte e para além, dar sentido para nossa vida.

Muito se fala nas jornadas de planejamento escolar em trazer o contexto sociocultural das crianças e demais estudantes para a sala de aula, os saberes e fazeres das comunidades, das pessoas e suas relações com a natureza para tentar compreender as complexas dinâmicas

envolvendo o ser humano enquanto ser biológico e cultural. Dentro dessa lógica de começar o ensino por elementos próximos e do qual conhecemos temos uma amplitude de coisas a estudar, ou melhor, desnudar. No campo das Artes Visuais poderíamos começar pesquisando sobre a arte de nossa cidade, elencar com as crianças os/as artistas, suas produções e partindo desse ponto oferecer aos discentes o conhecimento em artes visuais para que diante de uma obra e imagem não fiquemos estáticos ou inoperantes, pois observar uma obra artística com indiferença é a mesma coisa que ter um livro em mãos e não abri-lo para conhecer sua história, personagens, tempo, espaço e seu final.

Durante a realização dessa pesquisa fui movida por inquietações e me vi dentro de uma experiência de abrir os olhos para meu lugar e de como o vejo e posso espalhar sua história para que outras pessoas, outros mundos também o conheçam. O conhecimento quando acontece não pode ser guardado, mas compartilhado de maneira a ser luz que ilumina caminhos, vidas que precisam respeitar outras para fincar territórios afetivos entre humanidade e natureza. Ao visibilizar os/as artistas existentes no nordeste paraense, pesquisadores e professores adentram com eles ou elas nas escolas de educação básica, aproximam e ampliam os repertórios artísticos de muitas crianças e contribuem para o rompimento da ideia dominante de uma arte única e superior, fortalecendo a própria identidade de pertencimento como caboclos desse vasto mundo amazônico.

Alguns fatores desafiante que encontro como pesquisadora e professora de Artes Visuais dentro da escola básica estão na concepção de quem ainda não compreendeu a importância desse ensino para a formação humana. Isso se observa quando não podemos sujar a sala de aula ou outro espaço da escola quando é uma aula de pintura, por exemplo. Quando procuramos na escola materiais, recursos adequados para a produção das crianças. Quando nos sentimos sozinhos dentro de um coletivo que prefere por escolha ou em respeito aos que não tiveram oportunidade de conhecer a arte se mantém na zona de conforto e continuam ensinando pinturas através de desenhos estereotipados, afirmando ser arte.

No mais, estou diferente, muitas vozes ecoam em mim sem definir quem, quando e onde as encontrei, mas a certeza de minhas atuais escolhas e decisões se deram através da Arte. Assumir o compromisso de fazer o possível para ser mais humana, de compartilhar, enquanto professora a beleza da descoberta e mediar processos de ensino e aprendizagem que transforme, atravesse meus alunos e minhas alunas de alegria e felicidade.

7 - REFERENCIAIS

ARAS, Lina M. B de; CHAVES, Cleide de Lima. **Frida e a Arte de Frida Kahlo**. Revista Cultura Visual. EBA/UFBA. Salvador, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rcvisual/> . Acesso em 09.04.2024.

BARBIERI, Stela. **Territórios da invenção: ateliê em movimento**. São Paulo: Jujuba, 2021.

BARCINSKI, F. W. (ORG.) Sobre a arte brasileira: da Pré-história aos anos 1960. Editora WMF Martins Fontes: Edições SESC. São Paulo, 2014.

BARROS, Manoel de. **De Menino do Mato**. Editora Alfaguara, Rio de Janeiro, 2015.

BARROS, Manoel. **Poesia Completa**. Leya. São Paulo. 2010.

BRANDÃO, C. R. **História do menino que lia o mundo**. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola**. Cortez, São Paulo, 1998.

GOBI, Maria Aparecida. **Mundos na ponta do lápis: desenhos de crianças pequenas ou de como estranhar o familiar quando o assunto é criação infantil**. Periódicos UnB. Revista Linhas Críticas. Brasília, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/828> . Acesso em 09/04/2024.

IAVELBERG, Rosa. **Desenho na Educação Infantil**. São Paulo: Melhoramentos, 2013.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **A conversão Semiótica: na Arte e na Cultura**. Belém. EDUFPA, 2007.

_____. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. 4ª ed. Belém: Cultural Brasil, 2015.

_____. Mundamazônico: do local ao global. **Revista Sentidos da Cultura**, v. 1, n. 1, p. 31-40, 2014.

MEDEIROS, Afonso. **A arte em seu labirinto**. Belém: IAP, 2012.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. Petrópolis: Vozes, 1987.

PESAVENTO, S. Jatahy. **A invenção do Brasil – O nascimento da paisagem brasileira sob o olhar do outro**. Revista de História e estudos culturais. Dezembro/2004. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/2/4>. Acesso em 23.02.2024.

RICHTER, Sandra. **Criança e Pintura: ação e paixão do conhecer**. Editora Mediação. Porto Alegre, 2008.

RODRIGUES BRANDÃO, C.; CORREA BORGES, M. A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 6, n. 1, 2008. DOI: 10.14393/REP-2007-19988. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/19988>. Acesso em: 18 maio. 2024.

RUFINO, Luiz. **Vence-demanda: educação e descolonização**. Modula. Rio de Janeiro, 2021.

RUGGERI, M. Carolina Duprat. O artista e a paisagem: Claude Monet, uma correspondência entre a natureza e a natureza do artista. **MODOS Revista de História da Arte** – volume 3 | número 2 | maio - agosto de 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/333465753>. Acesso em 10.04.2024.

- SALLES, C. Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: FAPESP, Annablume, 1998.

_____. **Redes da Criação: construção da obra de arte**. São Paulo: Editora Horizonte, 2006.